

ALBUM

S

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA  
E  
EDUCATIVA  
DEDICADA A'S JOVENS BRAZILEIRAS

PROPRIEDADE  
de  
Avalia Emilia Franco

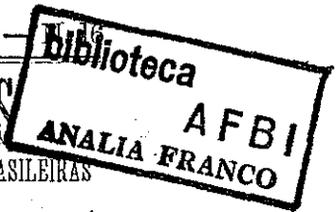


Anno II — S. Paulo, 31 de Julho de 1899

# ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANA LIA EMILIA FRANCO



Pagamento por semestre	PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE <i>Endereço: Largo do Arouche, 58</i>	Num. avulso Rs. 1\$000
---------------------------	--	---------------------------

## CONFLICTOS MODERNOS



Entre as questões que hoje lavram ardentemente luctas e dissidencias no seio dos povos modernos, surge o conflicto religioso, o qual ainda que sempre existente em toda a parte, n'este seculo tem attingido um influxo mais poderoso, agitando e convulsionando dolorosamente a sociedade no que ella tem de mais intimo—as suas crenças e os seus costumes.

Este assumpto sagrado ao qual se prendem e subordinam os actos de nossa vida, e as determinações de nossa rasão, constitue uma tarefa tão difficil e tão altamente embaraçosa para quem redige estas linhas que só muito ao de leve ousa tocar n'elle.

A' simples observação do momento que atravessamos, nos deixa ver que o christianismo com as suas effusões e os seus dramas sublimes, já não commove nem apaixona á maioria das gerações modernas, mais dadas ao materialismo e positivismo, e por isso menos influenciaveis pelo enthusiasmo santo das abnegações.

A sociedade quasi em geral absorvida nas innumeradas distrações e cuidados da vida material, tem perdido pouco a pouco esse alto espiritalismo fun-

dado por Jesus, que a tantas almas tem enchido de alegria na passagem por este valle de lagrimas. E comtudo é certo que não se vive só de pão; o espirito tem direitos inalienaveis, o homem precisa da terra e do céu, de se nutrir e de se elevar; mas quando a severidade da consciencia e a pureza do coração deixam de occupar um lugar mais importante de que os actos exteriores d'um culto ás vezes puramente mecanico, que se transvia n'uma devoção superficial, o sentimento religioso cessa de imperar forte e puro sobre os espiritos. D'ahi a indifferença religiosa de grande parte da sociedade, e essas doutrinas que ferem de morte tanto a moral como a religião, e são o scepticismo, o fatalismo e o materialismo, os quaes rompendo a harmonia nos animos e nas consciencias, lavram em toda a parte o descontentamento dos pequenos e a corrupção dos grandes.

E por isso vemos tantas almas agitadas pela febre do ganho e do interesse, á quem a avidéz impelle desnorteiadas pelo ouro, fazendo atlas de contractos, sem terem nada de commum com o restante dos homens, sem um só pensamento que as eleve acima da terra, e incapazes de comprehenderem que ainda existam creaturas que se inflammem com o amor do bem e com a generosa paixão do progresso da humanidade. Esses homens de coração secco e estreitas preocupações não podem ter a idéa d'uma religião que dà ao amor humano o character d'um mandamento celeste. D'esse amor sublime, do infinito, do incommensuravel, extasis celeste que modifica a natureza do homem identificando-a á natureza dos anjos, porque o amor de Deus é inseparavel do amor do proximo, e ha n'elle um sacrificio que faz á semelhança do que se ama no céu em o que se ama na terra.

Se infelizmente porém, cresce o mal e tende uma parte da sociedade a augmental-o, rasão de mais para que a outra parte da sociedade o com-

bata nobremente á medida das suas forças. « E o grande elemento da renovação social—diz um sabio dos nossos dias—não me parece que deva ser outro senão o desenvolvimento amplissimo da liberdade, baseada no evangelho, a mais vasta extensão dos progressos politicos e sociaes, alliada á mais vasta extensão dos progressos moraes ; mas a perfectibilidade pela liberdade carece de um fundamento que é a lei moral, e a lei moral mais pura é a do christianismo ».

Isto confessa-o o proprio materialista Lanfrey. Assim pois na suave e sublime poesia do esvangelho está a crença que nos conforta, que nos alenta nas horas de hesitação e de tristeza, fazendo-nos muitas vezes entrever com os olhos da fé, essa longinqua mansão espiritual, de luminosos e graciosissimos contornos que é a nossa patria celeste.

Nós, que com os nossos pensamentos podemos abranger o plano do Universo, e elevar a nossa intelligencia até Deus, devemos ter por força um destino sublimado como os nossos desejos, nobre como os nossos enlevos. E effectivamente não seria possivel que Deus, tendo germinado e desenvolvido estes nobres sentimentos nas suas creaturas, para depois tolher-lhes o exercicio e arrojal-as ao nada. Não. E ainda mesmo quando o soffrimento penetre ao mais recondito do homem, e o torture sem treguas, nem intermissão, e a mesma dor d'alma tão funda e pungentiva, a afflicção sem esperança, a amargura sem doçura, sentindo-se despenhado ao seio dos abysmos e que já no mundo nada espera.... então volte-se para o seu Creador ; o corpo embora espedaçado nas agonias, a alma eleva-se consolada ao céu, e do profundo abatimento libra-se por sobre o mundo, e sente já uma especie de compensação ao pensar que se succumbe ao jugo oppressivo da vida, conta com o triumpho da eternidade, visto que para Deus não ha lagrimas inuteis e nos thesouros de sua bondade e justiça ha compensações ineffaveis. Assim não per-

camos a esperança, a sociedade vae se renovando aos poucos, porque o progresso humano é a lei universal, e na lei sublime do evangelho puro, é que no futuro os povos hão de encontrar um dos maiores elementos de civilisação.

Em conclusão não podemos deixar de transcrever aqui as palavras d'um erudito pensador, sobre o estado actual da nossa sociedade, eil-as: «As formas intellectuaes mais em voga são visivelmente egoistas, é certo; visto atravez d'ellas o aspecto do mundo moral é profundamente desconsolador. Mas pensemos, que a influencia d'essas escholae não se faz sentir muito sobre os costumes, superiormente dirigidos pela moral christã; e que por outro lado, do mesmo modo que no fundo do mar ha fortes correntes que se não conhecem á superficie—na intimidade da geração actual ha grandes sentimentos de philantropia, de caridade, de amor, que suppreem na realidade das coisas, a falta das amplas e generosas theorias que hão de vir amanhã, n'uma generalisação larga e formosissima, que comprehenderá n'um circulo de luz todo o coração com as suas melhores qualidades, e todo o espirito com as suas maiores aspirações... Tenho esta esperança. Sinto esta fé. Mas como aquelles que, caminhando durante a noite, cantam e fallam alto para que o pavor das trevas se não aposse delles—eu preciso dizer a mim proprio estas cousas muitas vezes, para não succumbir sob a influencia d'este momento, tão avesso ás organisações delicadas e exigentes, para as quaes a impressão que é um processo legitimo, não é arte bastante; o positivismo, que é uma verdade irrecusavel, não é philosophia sufficiente; a lucta pela vida não é lei universal e unica; a politica sem moral não interessa nem apaixonar; e a consciencia, sem uma verdade superior que a illumine, é uma desconsolação, uma tristeza de tudo.»

S. Paulo, 30 de Julho de 1899.

*Analia Franco.*

# Prophecias

Prophetisa o homem, como o pincel pinta todas as vezes que uma força superior a isso o impelle. Consultae sobre este assumpto quantos pensadores d'alta esphera ahi houve desde Tertuliano até Newton ; consultae até o proprio Machiavel, elle vos dirá : «Não dIrei a rasão, mas é um facto attestado por todas as historias antigas e modernas, que todas as vezes que uma cidade ou provincia estava ameaçada d'alguma calamidade, esta havia sido prognosticada por advinhos ou annunciada por via de revoluções prodigiosas e outros signaes celestes. Seria muito para desejar que o motivo d'isto fosse discutido por homens instruidos nas cousas naturaes e metaphysicas.... Póde ser que a nossa atmosphera sendo como crêram varios philosophos (Pythagoras, Platão, S. Paulo, Plutarcho) povoada de um sem numero de espiritos que conhecem o porvir, pelas leis da sua propria natureza, tenham essas intelligencias compaixão dos homens e lhes deem por meio de certos signaes aviso para se acautelarem. Como quer que seja, o facto é certo e sempre depois de taes annuncios vêem-se acontecer cousas novas e extraordinarias.»

Os antigos livros chinezes ensinam que o *Tien* não descarrega sobre uma nação pesados golpes, sem primeiro avisal-a e convidal-a a peuitencia por algum signal sensivel. No *Chouking* se lê: Quando uma familia se avizinha do throno por suas virtudes e outra está proxima o descer d'elle em castigo de seus crimes, o homem perfeito é disso instruido por signaes precursores.» Esta opinião é adoptada em geral por todos os letrados. Está posto em memoria que a presença dos hespanhóes na America causou aos americanos mais susto do que admiração; porque geralmente tinham por fé que estava proxi-

ma uma grande calamidade que lhes trazia uma raça de conquistadores terríveis que deviam de vir das regiões do assolar oeste para o paiz em que viviam. N'um discurso que Montezuma fez aos grandes do estado, trouxe-lhes à memoria as tradições e prophcias que de tempo immemoravel annunciavam a vinda de uma nação que devia apossar-se do supremo mando.»

Talvez que não tenha havido uma só catastrophe d'estas que são seguidas da queda de um imperio e do derramamento de sangue de grande parte de uma nação, que não tenha sido antecipadamente prevista. Citaremos exemplos caseiros e diremos que as calamidades que arruinaram a França foram, assim dentro como fóra d'ella, annunciadas com particularidades e circumstancias superiores a toda a probabilidade humana. Mais de trinta annos antes que se cunhasse moeda na praça de *Grève*, o virtuoso Alberto de Haller o tinha vaticinado na Allemanha.

Treze annos antes da revolução de Paris um padre, o abbade Beauregard, no meio de Paris, estando a prégar na Sé, salteado de improviso de uma inspiração divina, apartando-se do estylo do pulpito, fez em lyricos accentos, uma exposição historica e succinta da futura catastrophe; vaticinou a destruição dos altares e do throno, a abolição das festas, a expoliação das igrejas, os hymnos sangui-narios e os cantos obscenos que deviam estrugir nas abobadas dos templos; a deusa da Rasão, a impudica Venus, representada em carne e osso e posta em vida no tabernaculo, recebendo o sacrilego incenso de seus abominaveis adoradores. Foi extrema no auditorio a agitação, porém fóra d'elle aquelle discurso prophetico foi taxado de demencia e até alguns ecclesiasticos condemnaram aquelle parto de um zelo que caracterisaram de imprudente.

A gente que andava de carruagem e o povo dos chamados bellos espiritos e espiritos fortes se arrebanharam e entraram a bradar após o ministro

do Senhor, como em outro tempo a miseravel rapaziada de Bethel apóz Elysêu : «Fóra calvo !»

Chegou afinal o tempo da divina justiça, e os incredulos acarretados para a praça de *Grève*, onde com effeito n'essa occasião se cunhava moeda, talvez volvessem pela derradeira vez, os olhos para a igreja que havia resoado com os avisos do ministro do Altissimo, quando os estavam atando á prancha fatal.

*Um escriptor.*



## Vêde as Flores

Ao meigo reflexo que a lua derrama  
 Por campos e serras, por aguas e ar,  
 Murmura mysterios a brisa entre a rama  
 Vae a alma nos astros mysterios sondar !

Ai ! vêde, vêde essas fôres  
 Com seus perfumes d'amor,  
 Que d'entre mimosas côres  
 Vão subindo ao Creator !  
 E dizei, dizei ao vel-as  
 Entre as folhinhas singelas,  
 Dizei se ousaes ?--Assim bellas,  
 Fôí o acaso o seu auctor ? !

E eu julgo já vêr as flores  
 Vergar de magôa no chão !  
 E qual echo a humanas dôres  
 Trêmer da lua ao clarão !!!  
 Que do atheismo ferida  
 A esperanza, fuge da vida,  
 E ai ! dos mortaes, se perdida ;  
 Vae a fé que ao triste é pão !

C. MÁXIMA DE FIGUEIREDO.

## RELIGIÃO

---

A necessidade de religião é irreprimivel irreductivel na consciencia, é a nota religiosa vibrantissima em nosso animo.

O genio, o raciocinio ficaram sempre frios diante do berço, sempre immoveis diante do tumulo, sempre enredados diante da existencia. E, emquanto houver contrastes que ninguem possa dirimir, problemas que ninguem possa resolver, anciedades que ninguem possa mitigar, emquanto a estreitesa da rasao incidir com a incommensurabilidade da idéa, a fraqueza do organismo com a tenacidade da dôr, a mesquinha realidade com o recrescentissimo desejo, emquanto apóz um anhelo satisfeito, anciar outro anhelo maior, e, depois d'uma conquista do progresso, d'uma descoberta da sciencia pruirem innumeradas descobertas, conquistas infinitas, emquanto sobre os acontecimentos fataes e os impenetraveis mysterios da vida, resurtir o terrivel acontecimento o temerosissimo mysterio da morte—da impiedosa e negra morte que, surda a todas as supplicas e cega a todas as lagrimas arrebatada incessantemente innexoravelmente a gerações sem devovel-as jámais :— emquanto n'este anguloso promontorio da vida os homens agonisarem como naufragos gemerem como orphãos e cahirem como combatentes ; emquanto todos elles forem assaltados pelo erro, espicados pela duvida, acossados pelo desengano, alquebrados pelo desespero, granisados pela dor, estonteados pela doença e escalavrados pela desgraça ; emquanto elles se debaterem impotentes chumbados aos grillhões da sorte, e todos elles se contorcereem vasquejantes, estrangulados pela serpente do mal ; emquanto esta fragil natureza, esta misera natureza for o que é—ah ! a nossa alma, o nosso espirito ha de forçosamente romper os monumentos terrenos e expandir se pelas regiões celestes ; ha de entregar-se

aos extasis da verdade absoluta e aos gosos da summa belleza e do summo bem, ha de forçosamente remontar-se a outro mundo melhor nas azas potentissimas da religião e da fé.

E, no entanto,—rustica e tetrica doutrina!—lobrigam-se uns certos philosophos bastardos que, expungindo a casualidade divina e a Providencia suprema, preconizando a materia por principio de tudo, a força por explicação de tudo, tomam o espirito a conta de elaboração chimica, consideram o espirito secreção do cerebro, assim á maneira da bilis, secreção do figado. De passo que, em face de semelhante theoria, essa bagatella chamada mentalidade humana fica reduzida pouco mais ou menos, a uma combinação phosphorica, e essas nugas chamadas sciencia e consciencia humana pouco excederão em valia o cerumen dos ouvidos—rica substancia viscosa que poderá talvez prender as azas d'um mosquito!

Alves Mendes.

## VOZES D'ALMA

Eram dois risos d'aurora  
Os meus filhinhos gentis ;  
Dous encantos, dous affectos  
Que me faziam feliz !

Eram dous lyrios mimosos  
Unidos inda em botão,  
Que viviam no meu peito  
Nas hastes do coração !

Duas gottas crystalinas  
Em minh'alma resequida ;  
Duas noites de alegria  
Nos thenos de minha vida !

Eram dous iris fagueiros  
 No céu de minha existencia  
 Que se mostravam risonhos  
 Com as cores da innocencia !

Mas um dos lyrios mimosos  
 Do meu lar,— um campo agreste,  
 Perdeu as petalas viçosas  
 Entre as folhas de cypreste !

Agora dos meus affectos  
 Só uma estrella reluz . . .  
 Minh'alma sorri, e chora,  
 Se cobre de treva e luz ! . . .

JOSE RODRIGUES DE CARVALHO.



## MALVINA

### III

No remanso feliz do seu lar tranquillo Malvina fruira durante seis annos de uma alegria serena, cheia de doçura, na companhia d'um esposo adorado.

Para completar o encanto de sua mutua felicidade, ella déra à luzem epochas successivas a duas gentis crianças, Anesio e Herminia.

Aquelles louros cherubins bem depressa tornaram-se o jubilo da casa; Parecia mais bella, mais fresca e mais ridente com a ruidosa alegria de sua desordenad a turbulencia.

Algun tempo depois, Malvina atravez dos affectos, e das alegrias que a cercavam, tinha às vezes sobresaltos intimos; sentia um presentimento mysterioso e formidavel entenebrecer-lhe a alma, segredando-lhe o proximo desmoronamento de sua felicidade.

Enéas seu marido era commandante de uma fragata, e por vezesprehendera longas viagens; mas que no seu regresso mais contribuíram para reviver as testas e os prazeres que sempre illuminaram o seu fepido lar.

Uma noite, porém, ella sonhara que a morte sinistra terrivel, viera transformar em luto toda a sua alegria e que o seu querido esposo no vigor da mocidade, tornara-se de repente um cadaver frio, inanimado, que ella abraçava nas convulsões do mais atroz desespero, chamando-o em vão á vida que se lhe extinguiu para sempre.

Aquelle sonho funesto que acceitara como um aviso tremendo, veio subitamente obumbrar-lhe a ventura, envolvendo-a como que em um lugubre véo.

Enéas riu-se dos seus sustos e receios, e embalde tentou os meios de tranquilisal-a.

Elle devia partir em breve, e para reanimar-lhe a esperanza prometteu-lhe voltar o mais depressa que lhe fosse possivel.

Malvina sempre receiosa empregou toda a sua solitudine e instancias para dissuadil-o dessa viagem.

Enéas esteve por pouco a acceder ao seo desejo, mas o seu tenebroso destino tinha de cumprir-se com toda a crueldade das suas leis.

Elle partiu por fim, e Malvina arrastada por um sentimento inexprimivel de tristeza e de pezar, subiu o mais elevado penedo que guarnecia a costa, fitando com os olhos cheios de lagrimas e amarga saudade, aquelle fragil batel, que cruelmente arrebatava-lhe o caro objecto de sua ternura.

Quando ella viu sumir-se por entre as brumas indecisas longiquas o lenço branco com que Enéas, acenava-lhe como que enviando-lhe um ultimo adeus, sentiu em torno de si o quer que era de terrivel; parecia-lhe que um tufão implacavel, irresistivel; acabava de varrer-lhe subitamente todas as esperanças, condemnando-a a uma indiscriptivel amargara.

Soluços dilacerantes lhe irromperam do peito, e por muito tempo ficou alli inanimada como a imagem da dor assistin-

do em silencio e em uma agonia atroz, o desmoronamento de toda a sua felicidade.

## IV

Volveram alguns mezes que para Malvina se deslisaram insupportavelmente uniformes, insipidos, monotonos; um dia porém—dia de inolvidavel horror para ella. recebeu a terrivel confirmação de todas as suas vagas tristezas, de todas as suas inconsoladas melancolias.

A fragata em que ia Enéas, acoçada por violento temporal sossobrou e com ella toda a tripolação não escapando siquer um só dos infelizes nautas.

Nos tempestuosos momentos da sua lancinante angustia, do seu violento desespero; que convulcionando-a horrivelmente parecia arrancar fibra a fibra toda a sua alma. Malvina esqueceu-se daquelles por quem d'ora ávante seria obrigada a resignar-se a viver.

Mas ás revoltas e exaltações da sua cruciante dôr, succedeu essa calma triste, silenciosa, que adormenta e enlanguece o espirito, passada a primeira crise. Lembrou-se então dos caros penhores do seu amor e da actividade que lhe era agora preciso augmentar e robustecer para cuidar das occupações da casa e da educação dos filhos.

Nas lides quotidianas que lhe absorviam quasi todos os instantes, achou ensejo para concentrar em si o vasio desolado, tristonho que se lhe fizera em torno.

A sua funda melancolia trazia-a sempre pensativa, taciturna, mas aquella silenciosa manifestação de tão grande dôr, attrahia e inspirava a sympathica de todos.

Os que a conheciam admiravam-n'a e estimavam-n'a, proporcionando-lhe na sua pobreza, os recursos de que necessitava para a educação dos orphãosinhos.

E sem aquellas crianças que eram todo o seu amor, toda a sua esperança, toda a sua crença a fé de certo a teria desam-

parado no meio da desolação que a cercava, fazendo-a muitas vezes vacillar na sua coragem.

Deus porém, jamais a abandonara, e seus filhos Anesio e Herminia eram os mais dedicados e extremosos dos filhos, compensando-lhe amplamente a sua solicitude para com elles

## V

Decorreram muitos annos, e Malvina no meio da pacifica tranquillidade que gosava entre os seus filhos, sempre amados e felizes, não podia approximar-se do mar sem que lhe evocasse as lembranças ineffaveis de um passa lo longiquo, e então sentia adejar-lhe em torno a sombra de uma tristeza infinita.

Muitas vezes ao por-se o sol á hora em que a luz vai morrer, ficava muito tempo sobre um penedo da praia com o olhar perdido no extremo do horisonte, e ao longe, por entre as brumas indecisas do crepusculo, suppunha vêr eternamente agitar-se aquelle lenço branco, com o qual, o caro esposo, lá da immensidade do oceano; enviara-lhe o adeus supremo; que ella julgava ainda ouvir tristemente repercutido por entre o melancolico soluçar das vagas.

Analia Branco.



## A BORDA DO ABYSMO

Em um terreno caprichosamente accidentado, por entre alcantis medonhos que ninguem jámais ousara galgar, e no meio de florestas extensas, revestidas de eterna verdura, rolava estrepitosamente uma caudal torrente, indo mais além perder-se no vortice profundo d'um insondave abysmo.

D'um lado arvores colossaes emmaranhadas por festões e cipós interceptavam a entrada, formando em torno uma especie de *boudoir* mysterioso, onde os raios ardentes do sól no pino do dia apenas podiam allumiar frouxamente. D'outro lado via-se um enorme rochedo; cujo pico alteroso era s'amente acces ivel às aves alti-volanfes.

A espessa sombra projectada pelas arvores e pelo rochedo, envolvia como em negra mortalha as fauces hiantes do vertiginoso abysmo.

Alli as aguas repousavam tranquillamente parecendo dormirem um somno eterno.

A unica entrada era por um atalho ignorado e bast nte ingreme, por entre vertiginosos despenhadeiros.

Era n'essa triste solidão, debaixo de sombra protectora e amiga, junto a negra escuridão do tenebroso abysmo que a joven Anezia no completo abandono de todas as alegrias e affeições terrenas se tinha refugiado para chorar como Mignon a sua patria perdida.

\*  
\* \*

Anezia era uma encantadora sylphide qual outra Dêa mas a dor já lhe tinha amortecido as mimôsas cores das faces, derramando-lhe n'alma uma profunda melancolia

Os seus olhos negros, quasi sempre velados em lagrimas, irradiavam em todas as suas vistas, a vaga languidez

de pezar intimo, que parecia ter desfolhado a ultima esperanza que poderia ainda alentar-lhe a vida. Abandonada e esquecida a sua alma erma de affeições, concentrou-se e retrahia-se occultando-se timida e receiosa no amago da solidão, como a violeta por entre folhas. A pobre orphã viera em pequenina de bem longe, seus paes já não existiam, a infeliz era só no mundo. A cruel megera que a tinha acolhido affectando um sentimento de compaixão que jamais havia experimentado, a todo o instante fazia-lhe comprehender o quanto é amargoso o pão da dependencia.

A alma ingenua e candida da menina a quem um só pensamento máu não ousara macular a suave placidez apesar das cruéis privações que faziam-na soffrer, ainda assim quando a noite vinha adormecia suavemente embalada por uma doce esperanza.

Ao attingir porém o seu terceiro lustro, como se um vago presentimento lhe desvendasse o porvir, deixou-se subitamente invadir por uma invencivel tristeza. E por fim já não podendo resistir aos máus tratos que constantemente infligiam-lhe, fugiu para as mattas. Na sua desesperação por vezes tivera impetos de arrojarse sobre os despenhadeiros vertiginosos que se desenrolavam aos seus olhos mas caminhando sempre, casualmente descobriu ao sopé do rochedo o mysterioso abysmo. Desde então formou o projecto de alli permanecer como se o quer que é de triste e de indefinivel semelhante á sua alma, tivesse o condão especial de attrahil a.

Ah ! dizia ella, fitando sem terror o cairel do abysmo, quando já me não for possivel resistir ás atrozes torturas da fome, buscarei o repouso supremo n'este asylo, que será tambem o meu tumulo !

\*  
\* \*

O sol começava a surgir, dardejando os seus primeiros raios no orisonte franjado de ouro.

As arvores mais bellas e floridas balouçavam-se ao sopro da viraçã ; entornando sobre a torrente mugidora uma chuva de fiores e folhas, que matizavam a sua superficie, indo mais abaixo de envolta com as espumas, perderem e no fundo do abysmo.

Como uma sombra infeliz e solitaria, caminhava pelas gargantas da serra, um joven de agradavel apparencia, e se dirigia rapidamente para o precipicio. O moço profundamente ferido pela traição da mulher amada, que lhe havia despedaçado a sua ultima esperanza, tinha chegado a esse estado de desespero que ji não admite a mais tenne consolação. Guiado pois por uma idéa fixa e terrivel approximou se do abysmo que elle muito bem conhecia; mas alli chegando estacou de subito, como se uma força ignota e irresistivel lhe tivesse detido os passos.

\* \* \*

Presada duma poderosa fascinacã o moço quedou-se a contemplar extatico e absorto o suavissimo e bello vulto da seismadora Aneria, que de pé junto ao abysmo fitava-o arroubada, como se a sua alma prestes a voar e librar-se nas alturas, já entrevisse por entre harmonias angelicaes o paraizo de delicias que a esperava. Apòz o primeiro assombro, causado por aquella inesperada visã que elle tomãra por uma appareção phantastica de fadas, o moço comprehendeu toda a extenção do perigo que ella corria. Ao mais leve movimento tudo estaria acabado para a infeliz. N um impeto decisivo, cingiu a nos braços, impedindo assim que ella se precipitasse no abysmo que a fascinava. A joven tornou-se livida de espanto, deu um grito e desmaiou.

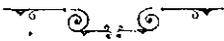
Quando porém, conseguiu recuperar os sentidos, envolveu o seu mysterioso salvador n um olhar de profundo reconhecimento.

Pela primeira vez as suas vistas se encontraram, e um lampejo de felicidade intima lhes perpassou pela mente. E' que aquellas duas almas, irmãs gêmeas no soffrer, não podiam deixar de se comprehenderem, e de se amarem.

\* \* \*

Alguns dias mais tarde ambos unidos pelos indissolúveis laços do hymineo, ao recordarem-se das circumstancias que precederam o seu idyllo amoroso, olhavam se e sorriam-se com indiscriptivel ventura, bemdizendo o abysmo que os attrahira para ligar as suas duas existencias irmãs gêmeas no soffrer.

ANALIA FRANCO



## O PASSADO



Que dolorosa melancolia envolve esta palavra!  
O passado ! . . .

E' que, ao pronuncia-la, vemos como que surgir ante a nossa imaginação a recordação dos dias longiquos que se afastaram, dos quadros que nos impressionaram o espirito, povoado das imagens dos entes mais ou menos queridos que vimos uns após outros cahir para sempre nesse pelago eterno do anniquilamento que se chama morte!

Quem, por um momento, fugindo ás realidades do presente, e esquecendo as esperanças do porvir, relanceia os olhos para o passado sente-se forçosamente opprimido por uma angustia differente de todas as impressões que até então haja sentido,

E' um mixto de tristeza, de saudade e de dor, que repentinamente nos invade a alma.

Experimenta-se então uma certa voluptuosidade em evocar as mais suaves recordações e em rasgar lentamente todas as fibras do coração, fazendo-o de novo sentir as angustias, as lagrimas e soffrimentos que o têm pungido no meio dos quaes raro se conta un dia de verdadeiro encanto, ou uma hora de completa felicidade.

Porque de toda a nossa vida só a infancia, meiga aurora da existencia, tem a suavidade, a alegria e o placido socego, inseparavel dos que tudo ignoram ?...

Mas... que rapida é essa quadra, e que terrivel e rude é quasi sempre o despertar !...

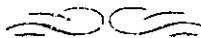
A vida não devia começar pelo soffrimento.

Uma alma cheia de fé, de esperanza, sempre que a dolorosa realidade lhe revelar que ephemera valia teem as crenças, vacilla e revolta-se contra a cegueira implacavel do destino, que não escolhe nem poupa.

Porque só mais tarde, quando a razão e a intelligencia amadurecem o espirito, podemos comprehender que o soffrimento é um fardo inevitavel do homem.

Mas, que profunda angustia não deve exprimentar aquelle que chegando a essa *perfeição* no soffrimento, vê, ao retroceder ao passado, as sombras dos eternos ausentes, postadas ao longo da estreita e tortuosa vereda, em cujas espinhosas silvas teem deixado fragmentos do coração ! Só lhe resta nesse instante supremo o refugio ineffavel da religião, porque só ella póde destillar nas almas que soffrem o divino balsamo da resignação.

MARIA FREITAS.



## UMA VIDA MODELO

### XIII

Jesus vivia e crescia n'esse *ménage* edificante, rodeado d'uma natureza em que se respirava a graciosa negligencia e suavidade d'um clima incomparavel, por entre collinas e valles superabundantes em fructos e boa agua, todos sombreados por vinhas, figueiras e bosques de macieiras, no-gueiras e romeiras.

Desde a sua infancia, quasi todos os annos fazia com seus pais a jornada de Jerusalem por occasião das festas Pascaes, celebradas em memoria do resgate do captivo do Egypto.

Era costume fazerem os homens a jornada a uma parte e as mulheres a outra ; cada qual buscava a companhia das pessoas de seu trato particular, ou de parentescos mais chegados. Aos meninos era permitido irem por um ou outro caminho.

Essas peregrinações eram para todos uma solemnidade aprasivel, porque durante os dias de jornada, cantavam series completas de psalmos, commemorando assim a felicidade de se acharem reunidos, caminhando todos para um só ponto, unidos por uma só idéa - visitar os atrios sagrados de Jerusalem.

Diz um auctor, que a estrada que Jesus seguia quasi sempre n'estas jornadas, é a mesma que hoje se segue por Ginea e Sichem.

De Sichem a Jerusalem o caminho é mal assombrado. Mas a proximidade dos antigos santuarios de Silo, de Bethel, que lhe fica ao lado a pouca distancia, afasta da alma a severidade do caminho. *Ain-el Haramie*, que vem a ser a ultima pousada, é um logar melancolico e delectoso, e poucas impressões egualam as que sente quem alli passa uma noite. E' estreito e sombrio o valle, de cujas alturas la-

teraeas, formados por penedias cheias de tumulos cavados na rocha, jorra uma agua negra.

E' o Valle de Lagrimas — ou das aguas gottejantes, cantado como uma das estações do caminho no delicioso psalmo 84, e considerado pelo mysticismo doce e triste de idade media, como o emblema da vida.

Estas viagens eram de quatro dias, durante as quaes os homens da mesma nação reunidos, attenuavam as suas fadigas communicando as suas idéas, por entre os festivos ranchos de creanças e mulheres, que, com a alegria n'alma entoavam bellissimos canticos, tendo todos em vista a perspectiva, dos esplendores das festas de Jerusalem.

Foi n'uma dessas jornadas quando Jesus tinha já 12 annos, que acabadas todas as solemnidades, os santos esposos ao tomarem a estrada de Galiléa deram por falta do menino.

Maria Santissima suppunha o com S. Joseph, e este cuidava que a Mãe o acompanhava, reconhecendo porém o seu engano, sentiram uma dor cruel lhes trepassar a alma,

Por mais que procurassem n'ò, interrogando as pessoas conhecidas, ninguem lhes dava noticias de Jesus, o que mais redobrava os seus cuidados, e porisso sem tomarem nenhum repouso, começaram a buscar o por todos os bairros e pelas casas conhecidas, tendo ambos voltado para Jerusalem com a alma prêsa da maior affeição.

Pode se muito bem comprehender, mas é impossivel dar-se uma idéa da angustia profunda dos consternados esposos, muito especialmente Maria que gemia e chorava amarga e dolorosamente, julgando que Archelau o tivesse preso e lhe quizesse dar a morte que seu pae já intentára. Apezar porém, da sua profunda angustia; ao ver inutilizadas as maiores diligencias, e quasi desvanecidas todas as esperanças, não perdera a serenidade e fortaleza d'alma, nem prorompeu em impaciencias. Como Ella conhecia o gosto com que Jesus visitava os enfermos e lhes dava as esmolas

que podia, parecendo-lhe que com certeza o acharia no Hospital, se encaminhou para alli, e, perguntando aos doentes pelo filho, elles disseram que Elle tinha vindo todos aquelles dias consolal-os e repetir-lhes esmolas, mas não sabiam para onde tivesse ido. Maria Santissima um pouco mais animada com esta noticia resolveu a ir ao Templo; no caminho encontrou S. Joseph que tambem para alli se dirigia. Costumavam os doutores da Lei, reunir-se no Templo em certos dias da semana e fazerem conferencias publicas sobre as Escripturas, e como os prodigios inauditos no nascimento de Christo e de S. João Baptista tinham feito em todos os animos grande abalo, discorriam se seria ou não chegada a epocha da vinda do Messias.

Jesus que se achava tambem no congresso dos Rabinos, tinha lhes pedido licença para dizer duas palavras, e sendo no lugar onde se achavam os doutores disse-lhes, que tendo ouvido os seus discursos e a diversidade de opiniões manifestada por elles, vinha declarar-lhes que não podendo serem falsas, nem contradictorias as prophcias, se devia crer que o Messias já se achava no mundo, porque era completo o tempo das semanas de Daniel, e estava verificada a prophcia de Jacob, pois tinha acabado o sceptro da Judéa, e estavam os israelitas em poder dos Romanos. Os doutores ouvindo-o discorrer estavam admirados das palavras que dimanavam dos labios d'aquelle prodigioso menino, que sem ter aprendido as lettras tão bem as conhecia. E era tal a clareza das respostas que lhes dava Jesus, que com grande pasmo dos Rabinos viram confundido o seu saber mundano, bem como o dos anciões de Israel que tambem alli se achavam. Estavam todos maravilhados em ouvir-o, quando Maria Santissima, vendo que Elle concluiu o seu discurso, aproximando-se d'elle, disse-lhe transportada de jubilo :

—Filho, porque ousastes assim connosco? Sabes que teu pae e eu te andamos buscando cheios de afflicção! A resposta de Jesus foi curta e mysteriosa :

—Porque me buscaes ? Não sabeis que importa occupar-me das cousas que são do serviço de meu Pae ?

Os dous esposos não entenderam o verdadeiro sentido d'estas palavras.

Despedindo-se o menino dos lettrados e ficando só com seus paes, Maria lhe pediu que se não apartasse outra vez de sua companhia, o que Jesus prometteu assim fazer, até o tempo que a Divina Providencia tinha determinado ; e com esta promessa partiram todos para Galiléa, onde continuaram a viver na sua humilde morada de Nazareth, até a entrada de Jesus no mundo, com a bella scena em que o Precursor reconhece e annuncia o Christo, derramando as aguas da penitencia sobre a cabeça d'Aquelle que já revelava todos os dotes sublimes, d'essa sabedoria increada e infinita com que Deus o dispuzera para a augusta missão de Redemptor do Universo.

(Continúa)

ANALIA FRANCO



## UMA REMINISCENCIA



Como as odoríferas flores que vicejam suavemente embaladas pelas virações do arrebol, accendendo mil aljofares aos matinaes raios d'um esplendido sól de Abail, para mais tarde cahirem e estiolarem arrancadas pelo furor dos vendavaes; assim são certos espiritos dilectos do céo ; resplendem um instante sobre a terra, espargindo no seu gyro rapido e fugitivo um rutilho luminoso, que bem depressa extingue-se, ao baixarem ás trévas insondaveis, envoltos nas sombras da morta,

\* \*

Eu era ainda bem creança, mas lembro me perfeitamente d'um archanjo bello que conheci nos felizes tempos da minha infancia. Alcina é o nome da heroína d esta verídica historia, tão singela e tão breve como o foi a sua fugaz existencia.

A subtil delicadeza e harmonia do seu angelico semblante ; a brancura suavissima de sua tez pallida levemente sombreada pelos setinosos anneis de seus cabellos cor de ouro, os seus olhos negros, com uma expressão doce e pensativa ; a inimitavel candura que transluzia em todos os seus traços; a sua timidez de sensitiva, emfim todo esse conjuncto harmonioso, me fazia recordar cada vez que a via, os formosissimos cherubins que rodeiam o throno da caudida virgem de Murilo.

\* \*

O desenvolvimento precoce da sua intelligencia de creança, era uma admiração para quantos a conheciam. Muitas vezes eu á vi silenciosa e absorta, com o olhar perdido na vasta amplidão do ceo, como se buscasse descobrir n'aquelle azul diaphano e transparente a insondavel escuridão do porvir.

Ao vel-a assim, tendo nos labios a brincar-lhes um sorriso melancolico e fugitivo como a bruma luminosa que se rarefaz e dasapparece ; na minha mente perpassava, uma ideia aliás lucida para o meu cerebro de creança.

Ella tem saudades dos seu irmãos, os anjos que habitam no céo.

\* \*

Na mysteriosa existencia d aquella gentil creança havia um quer que seja de ignoto, vago e indefinivel que impressionava, attrahia e subjugava, quem a contemplasse nos seus momentos de triste e melancolico scismar.

Emquanto os seus irmãosinhos, todos mais velhos que elle revolteavam pela casa expandindo-se n'essa alegria douda, pura, desinvejosa e sem nuvens que Deus só as creanças concede, ella encostada ao regaço materno, os seguia apenas com os seus lindos olhos impregnados de inefavel ternura, sem que o mais leve sorriso lhe inforasse os purpurinos labios. Dir se hia que o sello da morte, imprimira se n'aquella candida fronte com um lugubre ferrete.

\*  
\*  
\*

Entretanto. Alcina tinha momentos de subita e radiosa transformação. Quando acontecia avistar um mendigo, por mais feio e horripilante que parecesse, o seu lindo rosto expandia se n'uma alegria viva, expressiva e impossivel de descrever se.

Batia alvoroçada suas mãosinhas alvas como o jasmim, e com um gesto supplice pedia á mãe uma esmola, que immediatamente depunha sobre as mãos de indigente, com todas as demonstrações do mais vivo contentamento. Teria a lucida intelligencia d'aquella singular creança advinhado sob os andrajos da indigencia, as privações, as lagrimas, as dores lacinantes dos corações calcinados pelo embate constante e pnugetivo da miseria ?

Tentaria ella por ventura com a sua alegria innocente e pura com aquelle suavissimo riso dos anjos, rasareir a desapiedada injustiça, a eruel indifferença com que ordinariamente laceram a alma dos indigentes ? Não sei... o que é certo porém é que os mendigos adoravam-na, e contemplando em mystico enlevo a graciosa imagem d'aquella criança, para elles, quasi divina, esqueciam-se por instantes da cruel e implacavel realidade da vida, gosando com inexprimivel satisfação das suas graças festivas e do seu riso crystalino e fresco como as auras matinaes.

*Continúa.*

Aulinia Franco.

